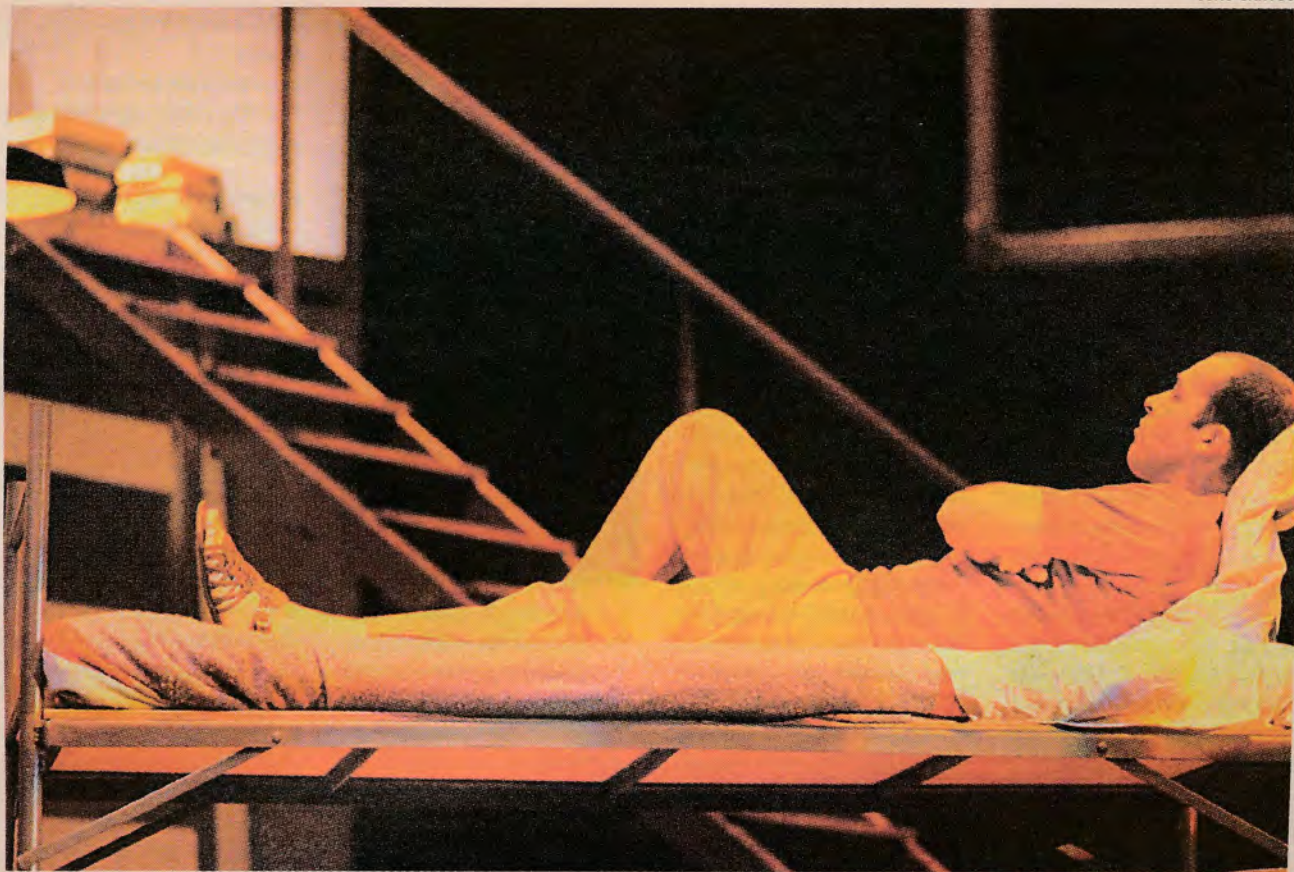




"HAJA HARMONIA", DE MÁRIO DE CARVALHO, NO TEATRO MALAPOSTA

O REGRESSO à Sétima Esfera

Manuel João Gomes

MÁRIO DE Carvalho reincide na literatura dramática, ele que comparou as peças de teatro a "Água em Pena de Pato" no título do volume onde reúne as anteriores experiências dramáticas: "O Sentido da Epopeia" (que João Brites encenou em 1986, dando ao espectáculo o título "Estilhaços"; "A Rapariga de Varsóvia", encenada por Fernanda Lapa em 91; e "O Desencontro" que continua por encenar em Portugal (mas está na programação de Outubro do Institut Franco Portugais, de Lisboa, a apresentação do espectáculo do Théâtre du Matin sobre este texto).

"Haja Harmonia", a nova contribuição de Mário de Carvalho para a dramaturgia nacional foi escrita a pensar no elenco do Teatro Malaposta, estreando num dia em que a "rentrée" atinge o auge. E não deixa de ser significativo que, na mesma noite, haja um trio de autores portugueses a dominar os cartazes da Grande Lisboa. Um é Raul Brandão, autor duma obra dramática tão fundamental quanto mal-amada (ver O Gebo e a Sombra); o outro é Carlos J. Pessoa (ver "Desertos"), autor-encenador e director de uma companhia que, ao longo da década,

apresentou quase exclusivamente obras por ele escritas.

Por onde se vê como o autor nacional está vivo e se recomenda. E o caso de Mário de Carvalho (como o de Carlos J. Pessoa) deviam ser um exemplo: escrevem textos para uma dada companhia, tendo em conta as circunstâncias de elenco e do espaço e o próprio ritmo inerente ao texto para teatro.

Ele parece não temer a perda de alguma liberdade que está inerente ao trabalho colectivo com um encenador e com os actores. A prova disso é o espectáculo "Haja Harmonia", libérrima e solta digressão sobre a liberdade e a falta dela. Um inesperado regresso do autor ao seu "país das maravilhas", ou seja, aos "Contos da Sétima Esfera" e ao "Fabulário" com que o escritor se revelou no dealbar dos anos 80.

No cenário duma prisão onde se respira liberdade — que é mesmo um oásis de liberdade num mundo asfíxiante — a população prisional vive aventuras delirantes em que ora se viaja pelo absurdo à Max Aub, ora se pernoita no mundo de pernas pró ar (na linha de Mrozeck). E os

números musicais (incluindo um "rap") seguem as anti-regras do "nonsense" à Lewis Carroll, revistas pelos Irmãos Marx.

De algum modo, a peça pode ser vista como um pesadelo delirante sonhado pelo director da cadeia. Ele e as suas tentativas de dar sentido às pancadas misteriosas que ficam por explicar.

Mas "Haja Harmonia" é, acima de tudo, um devaneio sem regras em que o autor se entretém e nos entretém, aproveitando para ridicularizar os lugares-comuns do discurso instituído — nomeadamente aqueles que falam da liberdade. E para denunciar a arbitrariedade de todas as leis.

HAJA HARMONIA

De Mário de Carvalho, encenação de Mário Jacques, cenografia de José Carlos Barros, figurinos de Susana Afonso, música de Luis Cília, com Alexandre Ferreira, Ana Nave, Elisa Lisboa, Elsa Valentim, Jorge Estreia, Jorge Gonçalves, Jorge Silva, Luis Alberto, Mário Redondo e Victor Santos

OLIVAL BASTO Teatro Malaposta. Tel.: (01) 9388407. De 3ª a sáb., às 21h30; dom., às 16h.